Celso Augusto Uequed Pitol (uequedpitol@bol.com.br)

O Diário da Felicidade

O Diário da Felicidade (É Realizações, é um dos melhores exemplos de como uma experiência limite pode gerar uma obra de qualidade superior. Seu autor, o romeno Nicolae Steinhardt, preso político durante o regime comunista e judeu de nascimento, converteu-se ao cristianismo ortodoxo na prisão e, a partir de experiências vividas lá dentro, entre religiosos, pensadores, escritores e demais inimigos do regime, deixou este inestimável testemunho de uma vida que o sofrimento e a opressão mudaram para melhor.

É difícil ler Steinhardt hoje. Em primeiro lugar, porque, além do relato, o autor faz comentários sobre literatura, filosofia, cristianismo, política e muito outros assuntos, fazendo assim citações freqüentes a autores que, embora óbvios em sua época, hoje talvez sejam conhecidos apenas dos *so called* eruditos. Em segundo lugar, porque temos imensas dificuldades em entender o seu proceder. Steinhardt está longe de nós, muito mais longe do que as poucas décadas que dele nos separam fazem crer. Noutra época, a sua atitude de chamar "da Felicidade" a um diário que é, em grande parte, composto por sofrimento físico e mental seria talvez objeto de escárnio; nesta em que vivemos um livro desses nos parece tão estranho quanto um encontro com um extraterrestre, faltando inclusive palavras para qualificá-lo. A questão é que, a meu ver, justamente esta dificuldade do mundo moderno em compreendê-lo que faz de *O Diário da Felicidade* uma obra tão importante e necessária para nós.

Encontro com Sérgio Buarque

A obra de Sérgio Buarque de Holanda pode ser colocada no seleto grupo de milagres produzidos pela inteligência deste país. O grupo é pequeno: inclui um José Guilherme Merquior, um Gilberto Freyre, um Otto Maria Carpeaux e poucos mais. Ao contrário da maioria deles, porém, a obra de Sérgio Buarque de Holanda nunca sofreu qualquer tipo de censura ou ataque mais forte de lado algum. Ainda que sua tese do "homem cordial" tenha sido objeto de severas críticas – motivadas antes por más leituras do que por qualquer outra coisa – a verdade é que o autor de Raízes do Brasil nunca sofreu boicotes severos, sendo figura garantida nos programas de ensino de qualquer curso de ciências humanas. Sérgio Buarque tornou-se referência básica, e Raízes do Brasil, sua obra mais conhecida, uma leitura obrigatória.

Sérgio Buarque de Holanda

Infelizmente, tamanho sucesso de um livro de juventude – ao qual ele posteriormente faria vários reparos – acabou por encobrir a produção posterior do autor, que nem de longe logrou o mesmo êxito. É o caso de Visões do Paraíso. Este extraordinário estudo comparado do mito edênico entre os colonizadores ibéricos traz conclusões são elucidativas. Ali ele demonstra que, enquanto os espanhóis descreviam as terras além-oceânicas com cores vivas, falando de criaturas mágicas e tesouros infindáveis, os portugueses prendiam-se ao mais concreto, ao descritivo e à quase opacidade no estilo. As decorrências desta postura para os dois povos e para seus descendentes na América são inúmeras e ajudam a explicar as diferenças entre nós e nossos vizinhos, bem como certas características que a cultura brasileira vem assumindo desde sempre. Uma obra indispensável para entender o Brasil.